



Ali Kamel

5 de abril de 2018 · 🧑



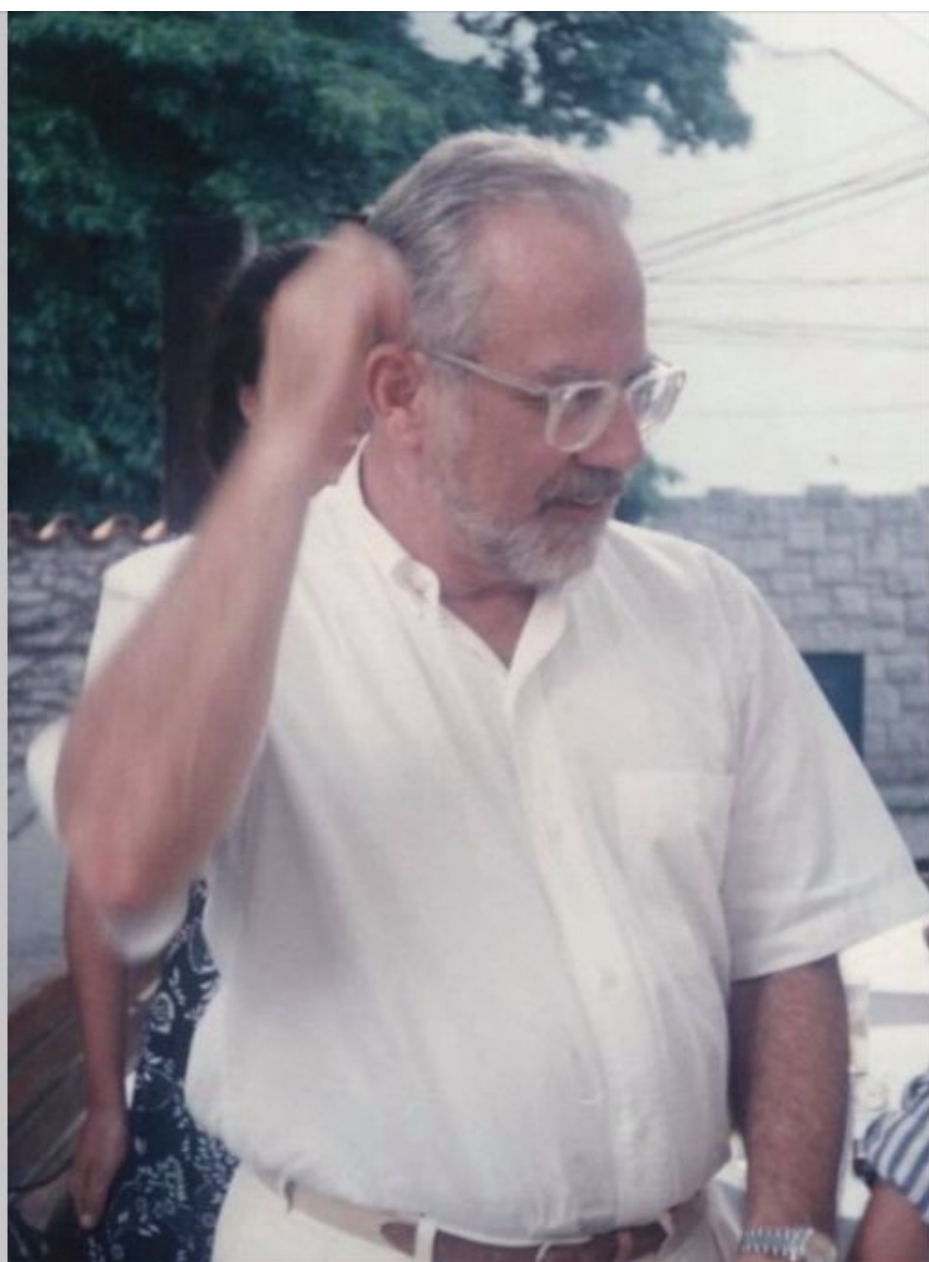
Todos que chegavam ao Globo logo sabiam quem era Luiz Garcia. Comigo não foi diferente. Ele tinha uma sala ao fundo do aquário, onde também ficavam o editor-chefe e o editor-chefe adjunto. Quando cheguei ao jornal, sem conhecer ninguém direito, a imagem dele através do vidro, lendo com atenção o jornal, fazia dele uma figura muito séria, com os cabelos precocemente grisalhos e uma barba bem cultivada. Desde que deixou o cargo de editor-chefe, ele era o editor de opinião, responsável pelos editoriais e a crítica interna do jornal. Duas posições que reforçavam a imagem de autoridade. Não dava medo, mas impunha respeito.

Mas bastava o primeiro encontro, para que ele se tornasse apenas o Garcia, como nós nos dirigíamos a ele. Percebíamos então que ele era atencioso ao extremo, gentil, boa praça, sempre disposto a ensinar algo, tirar uma dúvida, falar sobre a ética da profissão. Sempre com entusiasmo. Era um mestre, porque sabia mais, mas não vestia esse figurino. Tinha um excelente humor, gostava de contar histórias. Era bom, de repente, ouvi-lo soltar um risada alta, um sinal verdadeiro de que ele achou graça do que ouviu ou do que falou.

Quando ele não estava por perto, ele era chamado de LAG, a abreviação de Luiz Antônio Garcia, três letras que formavam o nome de usuário dele no jurássico (mas na época moderníssimo!) correio de mensagens do CSI, o primeiro sistema de editoração digital do Globo, baseado num computador main frame ligado a terminais "burros". Quando essas três letras - LAG - apareciam nas nossas telas, sabíamos que era o momento de lermos o "Algumas", abreviação de "Algumas observações sobre o Jornal". No "Algumas", nossos nomes não eram citados, mas nossos erros e acertos, sim. Era chato ter um erro apontado pelo LAG, não há dúvida. Tomar uma "lagada" não era fácil, mas tinha um efeito para toda a vida: ninguém esquecia o próprio erro (mas os demais continuavam errando, para exasperação do LAG). Ao contrário, ter uma matéria, uma edição, um artigo, uma sacada elogiados era o máximo. Era como ganhar um prêmio, sem fanfarras. Muitos de nós, com algum pudor, imprimíamos o "Algumas" naquelas folhas de formulário e o guardávamos como uma medalha. Quem viveu os dois lados dessa experiência sabe como era.

Hoje, ao me despedir do Luiz Garcia, do Garcia, do LAG, diante do caixão, a feição dele serena, eu agradei por tudo, especialmente pelas "lagadas", as boas e as ruins. Como eu já disse no obituário, meus erros são todos meus, mas meus acertos eu os devo em grande medida a ele.

Apesar de ter me lembrado apenas de coisas boas desde que soube da morte dele, ou talvez por isso mesmo, impossível não ser tomado por uma melancolia. Perdê-lo nos faz ter a consciência de que um tempo maravilhoso, muito bom mesmo, passou e é só memória.



181

49 comentários

Curtir

Comentar